

Possibilidades psicoterapêuticas da música a partir da teoria aristotélico-tomista da mente

Psychotherapeutic possibilities of music from Aristotelian-Thomistic theory of mind

Felipe de Souza Andrade Martins¹

Resumo

O presente trabalho busca investigar as possibilidades da música enquanto recurso psicoterapêutico sob o enfoque da teoria aristotélico-tomista da mente humana. Para tanto, tomamos como ponto de partida alguns conceitos da teoria mencionada, perpassando as potências do ser humano, os transcendentais do ser e o conceito de equilíbrio mental. Em seguida, observamos de que modo a música é capaz de expressar o *pulchrum* e as implicações dessa expressão sobre a psique humana. Concluimos que a música, do ponto de vista teórico, apresenta possibilidades psicoterapêuticas justamente por ser meio de expressão do referido transcendental.

Palavras chave

Psicologia Tomista. Música. Transcendentais do ser. Saúde Mental.

Abstract

The present work seeks to investigate the possibilities of music as a psychotherapeutic resource under the approach of the Aristotelian-Thomist theory of the human mind. To do so, we take as a starting point some concepts of the mentioned theory, permeating the powers of the human being, the transcendentals of being and the concept of mental health. Then, we observe how music is able to express the transcendental of being *pulchrum* and the implications of this expression on the human psyche. We conclude that music, from a theoretical point of view, presents psychotherapeutic possibilities precisely because it is a means of expression of the aforementioned transcendental.

Keywords

Thomist Psychology. Music. Transcendentals of being. Mental Health.

¹ Psicólogo, mestrando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: psi.felipeandrade@outlook.com.br. Este artigo foi originalmente apresentado no 1º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia, promovido pelo Instituto De Anima entre 18 e 31 de maio de 2023, e está sendo publicado nesta revista com expressa autorização do autor.

1 Introdução

1.1 A música enquanto ferramenta psicoterapêutica

A música faz parte de toda vida humana. Todas as culturas produzem música, fato observável ao longo de toda a História. Tal é a proximidade entre a arte dos sons e a humanidade que, em diferentes momentos e de diferentes maneiras, a música foi empregada como psicoterapêutica em distintos casos.

Desde a Grécia Antiga a influência da música sobre a formação do caráter humano é objeto de estudo e de reflexão. Grandes nomes, como Aristóteles e Platão, debruçaram-se sobre a arte musical e determinaram modos musicais que seriam úteis ao desenvolvimento ético e moral. Esse assunto era tão caro aos gregos que havia leis na Constituição grega sobre a música e sua utilização. Em momentos posteriores da História, o aspecto terapêutico da música foi utilizado de diferentes formas (BLASCO, 1999 apud PUCHIVAILO; HOLANDA, 2014; GROUT; PALISCA, 2007; MARTINS, 2020).

Pensar a música no contexto terapêutico significa abordá-la de forma muito geral. Isso porque ela possui diferentes elementos, cada qual possuindo um potencial diferente para tocar o ser humano. Em uma revisão integrativa, Martins (2020) verificou que a utilização da música enquanto ferramenta psicoterapêutica possui uma ampla gama de aplicações, incluindo desde quadros psicopatológicos específicos até demandas mais brandas e genéricas, como a melhora da memória, da atenção e da qualidade de vida. Por outro lado, a música tem influência sobre diferentes facetas da vida humana. No que tange à dimensão física/biológica, o desenvolvimento motor e cognitivo infantil pode ser influenciado pela arte musical e por seus elementos, bem como a manutenção de movimentos em idosos. Verificou-se, inclusive, um caráter analgésico da música em alguns casos (MARTINS, 2020).

Com relação à dimensão psíquica, observou-se diminuição de sintomas depressivos e ansiosos, promoção de bem-estar e de experiências significativas a partir da música e de seus elementos. Isso explicita também seu caráter social, que se evidencia, sobretudo, na promoção de encontros e vivências com o outro, com o instrumento, com a arte em si e com o transcendental. O autor salienta que “a música, além disso, promove também a integração desses aspectos mencionados, pois por mais que estudos foquem em aspectos específicos, a experiência musical é indivisível” (MARTINS, 2020, p. 54).

É considerando justamente a música enquanto arte detentora de potencial transcendente a quem a aprecia que este trabalho se insere e buscará discuti-la em seu aspecto psicoterapêutico a partir da teoria aristotélico-tomista da mente. Para tanto, apresentaremos a seguir alguns conceitos do Doutor Angélico que embasarão a discussão posterior.

1.2 Potências do ser humano

Tomás de Aquino, baseado em Aristóteles, propõe a existência de cinco potências no ser humano que nos permitem experienciar a vida tal como nós a experienciamos, ou seja, diferentemente dos animais irracionais, nós temos o potencial de vivê-la de forma mais elevada e, porque não dizer, completa.

Partindo da mais basal à potência superior temos: potência vegetativa, potência locomotora, potências apetitivas, potência sensitiva e potência intelectual. Cavalcanti Neto (2012), baseado em Brennan (1969), propõe ser possível falarmos de quatro potências, uma vez que é possível abranger as potências sensitivas e intelectual sob uma categoria maior denominada cognoscitiva. Tal junção é possível pois o conhecimento é alcançado através da interação entre sentidos (internos e externos) e intelecto. Adotaremos esta proposição para a discussão posterior.

De acordo com Cavalcanti Neto (2014), podemos compreender a potência vegetativa como a condição necessária para a existência de um ser vivo, desde o microrganismo mais simples, até nós seres humanos (os mais complexos). Essa potência permite a realização de atos como a alimentação, a reprodução e o desenvolvimento. Estes atos estão presentes em todos os seres vivos, por isso mesmo a potência vegetativa é condição necessária à vida. A potência locomotora, por sua vez, relaciona-se diretamente com os movimentos do ser, de seu corpo e dos movimentos necessários à vida. Seus atos tornam a motilidade humana possível, isto é, a capacidade de se mover.

A potência apetitiva é dividida em apetite racional, também conhecido por vontade; apetite sensitivo, o qual se subdivide em concupiscível e irascível; e apetite natural. Os atos do apetite sensitivo são as paixões (também podemos chamá-las emoções). Quando estes atos irrompem, têm, geralmente, um forte efeito sobre o ser humano, com capacidade para modular a conduta. As emoções, portanto, podem modular as ações (ECHAVARRÍA, 2021).

Explicita-se, nesse contexto, o papel do apetite racional, que é justamente fazer uma espécie de contrapeso às paixões e, na medida do possível, utilizar a energia proveniente delas para que a vontade module a ação. Esta potência da vontade é exercida através de seu objeto, que pode ser entendido “[...] como sendo ‘a razão de bem’ existente nos seres. É este bem, ou bondade (*bonum*, em Latim) que é procurado pela vontade” (CAVALCANTI NETO, 2014, p. 32). Portanto, enquanto os apetites sensitivos (irascível e concupiscível) buscam aquilo que é prazeroso - o irascível serve, de algum modo, ao concupiscível -, o apetite racional (vontade), busca aquilo que é verdadeiramente bom para o ser.

A potência cognoscitiva, a mais elevada do ser humano, compõe-se da inteligência, dos sentidos internos (sentido comum, memória, imaginação e cogitativa) e dos sentidos externos (os cinco sentidos corporais). Dos sentidos internos nos ocuparemos principalmente da cogitativa, que é a potência que permite ao ser humano avaliar instintivamente a utilidade de um objeto em termos de promover um bem ou um mal ao sujeito cognoscente (entende-se também ao organismo biológico). Fala-se de uma avaliação instintiva justamente porque ela não ocorre em nível racional e consciente, embora assim se torne de maneira quase instantânea devido à influência da inteligência sobre a cogitativa (CAVALCANTI NETO, 2014; ECHAVARRÍA, 2021).

A inteligência, por sua vez, estando em posição privilegiada no homem, capacita-o a apreender aquilo que é vivido e percebido pelos sentidos, as inclinações da vontade e as avaliações instintivas da cogitativa. A inteligência também utiliza os demais sentidos internos para operar, como a memória, a imaginação e o sentido comum. É, portanto, como um centro de integração das potências do ser humano.

Seu objeto é a essência dos entes, ou seja, a apreensão daquilo que um ente é e possui de singular (chamamos isto de *quiddidade* do ser). Segundo Cavalcanti Neto (2014,

p. 31), “a inteligência humana se volta direta e imediatamente para os *phantasmata* ou imagens resultantes da percepção e imaginação dos objetos para deles abstrair as características singulares e assim entender a sua quiddidade”.

A inteligência tem também o potencial de autogerir-se, isto é, de governar-se a si mesma. Isso implica que ela pode influenciar o movimento das demais potências. Tal capacidade é fundamental para o desenvolvimento saudável da pessoa e para a manutenção de sua saúde, pois

Em termos tomistas, o equilíbrio mental pode ser entendido, portanto, como o equilíbrio decorrente da devida ordenação das potências do ser humano. E deste equilíbrio mental decorrerá o comportamental, bem como, em maior ou menor grau, o biológico (CAVALCANTI NETO, 2015, p. 6).

A “devida ordenação das potências do ser humano” possui uma configuração específica, com a potência intelectual governando as apetitivas, e estas, as demais. Vale pontuar que a potência vegetativa é governada somente naquilo que possui de voluntário, pois também apresenta movimentos que são involuntários e, por isso, independentes do governo consciente da inteligência. O quadro abaixo representa as potências ordenadas da esquerda para a direita (CAVALCANTI NETO, 2015).

Cognoscitivas	Apetitivas	Locomotora	Vegetativa
<ul style="list-style-type: none"> • Intelecto • Sentidos (externos e internos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Racional • Sensitivas (concupiscível e irascível) 		

1.3 Transcendentais do ser

O tema dos transcendentais do ser é trabalhado por Tomás de Aquino a partir do conceito aristotélico de inteligíveis primeiros, os quais são entendidos como aquilo que é captado primeiramente pela inteligência. Para Cavalcanti Neto (2014), baseado em Aristóteles, os transcendentais do ser constituem propriedades fundamentais de um ente que levam o intelecto a desenvolver ideias que são naturalmente associadas a ele. São seis os transcendentais do ser para Tomás de Aquino: coisa, uno, algo, verdadeiro, bem e belo (em latim, *res, unum, aliquid, verum, bonum e pulchrum*, respectivamente).

É possível identificar os transcendentais a partir do ser em si mesmo e do ser em relação com o outro. Ao afirmar algo sobre um ente, se está afirmando, na verdade, a sua essência, que corresponde ao transcendental *res*. Quando se nega algo sobre um ente, sobressai o seu caráter único, porque não é aquilo que se nega, evidenciando o *unum*. Quando da relação do ente com o outro temos o *aliquid*, pois da distinção entre ambos salta algo do outro (CAVALCANTI NETO, 2014).

A capacidade intelectual do ser humano, isto é, sua capacidade de apreender a quiddidade do objeto e, portanto, aquilo que possui de singular, explicita o transcendental

verum (se aquilo é ou não é a partir dos raciocínios e juízos formulados). De acordo com Brennan (1969), o verdadeiro (*verum*) do objeto, ou seja, o fato da coisa ser o que é, estimula a inteligência.

Já a capacidade apetitiva, por sua vez, coloca em destaque o transcendental *bonum*, pois o objeto do apetite racional é o bem universal e o objeto do apetite sensitivo é o bem singular. Echavarría (2021, p. 163) reforça que “por isso, o objeto dos apetites da ordem sensitiva é um bem parcial ou contraído [...]. Em contrapartida, o objeto da vontade é o bem comum ou universal, que contém em si todos os bens particulares”.

O transcendental *pulchrum* possui algumas características que o relacionam a mais de uma potência do ser humano. Sendo o belo possuidor de propriedades como harmonia, integridade e clareza, as quais agradam a apreensão, ele concerne direta e simultaneamente às potências cognoscitiva e apetitiva, ou seja, se relaciona tanto com a inteligência quanto com a vontade, conforme se segue:

Ora, como a beleza põe de manifesto o *bonum* do ente, além do seu *verum*, sua presença facilita, ora mais, ora menos diretamente, a compreensão do fim ou da finalidade [papel da inteligência] do objeto considerado, bem como sua maior ou menor adequação [papel da vontade] a essa finalidade (CAVALCANTI NETO, 2014, p. 88).

2 Discussão

2.1 O *pulchrum* e o equilíbrio mental

Vimos que o *pulchrum* é um transcendental do ser que exerce influência sobre as duas potências mais altas do ser humano, isto é, a inteligência e a vontade. Isso ocorre porque o belo possui em si duas capacidades: 1) a expressão de um ente (que é belo) e 2) ser agradável quando sentido e apreendido. Convém ressaltar que o belo é sentido mais especialmente pela cogitativa, que é o sentido interno do ser humano responsável por avaliar instintivamente se algo lhe será bom ou não. É depois da avaliação instintiva da cogitativa que a inteligência toma ciência do que foi sentido e temos a apreensão racional, que poderá frutificar em juízos e raciocínios (OLIVEIRA SOUZA, 2011 apud CAVALCANTI NETO, 2014).

Vimos também que a inteligência apreende a quiddidade do ser, isto é, aquilo que ele é e possui de singular, sendo estimulado, portanto, pelo *verum*, o verdadeiro daquele ente apreendido. Já o apetite racional, a vontade, procura aquilo que é bom, o *bonum*. Como o belo é uma espécie de esplendor do *verum* e do *bonum*, ele influencia tanto a inteligência quanto a vontade depois de ser captado pelos sentidos.

Por outro lado, vimos que, para que haja equilíbrio mental em termos tomistas, é necessário haver uma primazia da inteligência, de modo que ela governe a vontade, e ambas governem adequadamente os apetites sensitivos, os sentidos internos e externos. Ora, estes últimos captam com facilidade a beleza existente nos entes. O mais elevado dos sentidos internos, que é a cogitativa, mobiliza, por sua vez, a potência apetitiva sensitiva a promover os seus atos, ou seja, as emoções ou paixões. Desse modo, a beleza facilmente estimula o aparecimento de paixões ou emoções positivas, tais como alegria, esperança, prazer, entre outras, as quais atuam como um contrapeso das emoções negativas que geralmente atrapalham o governo da inteligência e da vontade.

Desse modo, o apetite sensitivo, que costuma ser um obstáculo ao adequado governo da inteligência e da vontade sobre as demais potências, uma vez estimulado pelo *pulchrum*, pode passar a ser um aliado destas duas potências mais elevadas. Em outros termos, o belo tende a promover uma sinergia entre as potências do ser humano e, conseqüentemente, a adequada harmonia entre elas, o que caracteriza o equilíbrio mental (CAVALCANTI NETO, 2014; 2015; ECHAVARRÍA, 2021).

Justamente aqui se verifica o potencial terapêutico do belo, pois ao mobilizar a inteligência e a vontade, de um lado, e promover a sinergia das potências subordinadas, de outro, o *pulchrum* tende a facilitar o governo daquelas sobre estas últimas e, com isso, a favorecer o equilíbrio mental (CAVALCANTI NETO, 2014; 2015).

2.2 A música enquanto ferramenta psicoterapêutica com enfoque Aristotélico-Tomista

Antes de adentrarmos na música propriamente dita, vale pontuar que, sob o prisma da teoria aristotélico-tomista, a experiência do belo está para além de questões culturais ou de aprendizagem. Primeiramente porque o belo é, em si mesmo, um transcendental do ser, ou seja, é uma das formas de expressão do ser. Somente esse argumento talvez já fosse suficiente, mas ainda podemos pensar no fato de que o belo toca, primeiramente, numa dimensão pré-lógica da psique humana, especialmente por meio da potência cogitativa, e, assim sendo, não pode ser reduzido a teorias artístico-ideológicas.

Diante disso, pensar o belo na música não é pensá-lo a partir de aspectos estéticos, mas sim na capacidade mobilizadora que a música possui. Med (1996, p. 11, grifo nosso) define a música como “a arte de combinar sons simultânea e sucessivamente, *com ordem, equilíbrio e proporção* dentro do tempo”.

Partindo dessa definição, a música é uma arte que naturalmente traz em si o belo em seu todo, mas também em seus elementos. Uma melodia, para ser compreendida como tal, necessita de uma ordem adequada. O caso dos jingles comerciais mostra a importância da ordenação das notas, pois se assim não fosse, não teriam todo o potencial que possuem para serem captadas pela cogitativa e pelo sentido externo da audição de modo a permanecer na consciência e até no subconsciente.

A harmonia, outro componente da música, é o alicerce que embasa uma composição, inclusive servindo de base para a construção da melodia. A partir do uso adequado da harmonia, é possível transmitir ideias e sensações através dos sons. Por exemplo, uma música em tonalidade menor naturalmente apresenta um clima mais introspectivo em relação a uma composição em tonalidade maior. Algumas escalas, como escala menor harmônica, conferem um caráter mais sombrio, ao passo que uma escala menor melódica possui um caráter mais divertido, ainda que se baseie numa harmonia menor.

O contraponto, o componente musical que diz respeito às melodias que coexistem numa composição, pode tornar uma peça totalmente caótica ou totalmente agradável de se ouvir, como eram muitas das peças renascentistas e de períodos anteriores, quando ainda não se trabalhava com o foco na harmonia. Já o ritmo, por sua vez, apresenta ordem e proporção a nível matemático e conferem às notas de uma composição essas características. O ritmo é, talvez, o elemento mais basal, pois ele consegue ordenar até

mesmo os ruídos (sons que não apresentam série harmônica, uma sequência de notas que soa após uma nota fundamental).

Voltando à música como um todo que abarca os elementos acima citados, não nos restam dúvidas de que ela possui elementos como harmonia (não a musical, mas aquela que faz com que as partes coexistam de forma ordenada), integridade e clareza, características relacionadas ao belo. Dessa forma, a apreciação frequente da música dotada de tais características tem o potencial de promover a sinergia das potências do ser humano que examinamos e facilitar, em consequência, seu equilíbrio mental, revelando, assim, um notável potencial terapêutico.

3 Conclusão

Recordamos, neste trabalho, o fato histórico de que o caráter terapêutico da música vem sendo utilizado de diferentes maneiras desde a Grécia Antiga até os nossos dias, adquirindo diferentes formas de emprego, bem como diferentes objetivos. Baseados nesta constatação, procuramos encontrar na teoria aristotélico-tomista da mente elementos que fundamentem e expliquem essa constatação.

Examinamos, em consequência, a estrutura da mente humana proposta por esta teoria e suas relações com os transcendentais do ser, dentre os quais o belo, que é um dos que mais transparecem na arte verdadeiramente musical. E pudemos concluir que a beleza pode promover uma verdadeira sinergia das potências do ser humano, a qual não pode deixar de favorecer o equilíbrio mental, sendo portadora, em consequência, de um autêntico potencial terapêutico.

Reconhecemos, entretanto, que esta breve investigação é ainda muito incipiente, diante não só deste potencial terapêutico, mas também, e como consequência lógica, dos benefícios potenciais que pode aportar à psicopedagogia, à formação cultural e à harmonia social. Potenciais, estes, aliás, apenas entrevistos aqui num mero nível teórico.

Por essa razão, longe de encerrar a questão, o presente estudo tem em vista, antes de tudo, abrir caminhos para investigações futuras. Pois o tema pode não somente ser mais explorado do ponto de vista teórico, como há espaço para estudos empíricos relacionados à experiência e a apreensão do *pulchrum*, dentre outras possibilidades. Esperamos que este breve trabalho possa servir de estímulo para novas investigações, tanto como ponto referencial, quanto como ponto de inspiração.

Referências

BRENNAN, Robert Edward. *Psicología general*. Tradução Antonio Linares Maza. 2. ed. Madrid: Morata, 1969.

CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. Princípios terapêuticos decorrentes do enfoque psicológico Tomista. In: CONGRESO INTERNACIONAL VIRTUAL DE PSIQUIATRÍA Y NEUROCIENCIAS – INTERPSIQUIS, 16, fev. 2015. *Anais*.

Disponível em: <https://psiquiatria.com/trabajos/19CONF1CVP2015.pdf>. Acesso em: 08 de Maio de 2023.

CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Eficácia do belo na educação segundo a Psicologia Tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2014.

CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. 2012. 571f. Tese (Doutorado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://philpapers.org/rec/CAVCDP-2>. Acesso em: 13 maio 2023.

ECHAVARRÍA, Martín F. *A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: CDB, 2021.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. *História da música ocidental*. Tradução de Ana Luísa Faria. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2007.

MARTINS, Felipe de Souza Andrade. *A música promotora de saúde: uma revisão integrativa de sua utilização enquanto ferramenta psicoterapêutica*. 2020. 65 f. Monografia (Bacharelado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade de Taubaté.

MED, Bohumil. *Teoria da música*. 4 ed. rev. e ampl. Brasília: Musimed, 1996.

PUCHIVAILO, Mariana C.; HOLANDA, Adriano F. A história da musicoterapia na psiquiatria e na saúde mental: dos usos terapêuticos da música à musicoterapia. *Revista brasileira de Musicoterapia*, n. 16, p. 122-142, 2014.